



A REALIDADE DA MÍDIA NA PALESTINA

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises sobre a região, principalmente sobre o conflito entre a Palestina e Israel. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Oriente Médio e Norte da África.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça em toda a região, especialmente na Palestina.

MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça. Defende a restauração dos direitos palestinos, incluindo o Direito de Retorno, um Estado palestino com Jerusalém como sua capital e com a manutenção dos direitos democráticos. Defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Para assegurar que os formuladores de políticas sejam melhor informados, MEMO procura subsidiar atores internacionais responsáveis pelas decisões-chave que afetam o Oriente Médio. MEMO busca uma cobertura da mídia justa e precisa sobre a Palestina e outros países do Oriente Médio.

Título: A realidade da mídia na Palestina
Projeto gráfico: Hani Aldrisani

Publicado: Dezembro 2021

Copyright © MEMO Publishers 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem permissão prévia do proprietário dos direitos autorais.

Este relatório está disponível para download gratuito no site do Monitor do Oriente Médio: www.monitordooriente.com



Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
telefone: +55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

A realidade da mídia na Palestina

Abdullah Omar

Jornalista e crítico palestino, nascido em Ramallah, especializado em Gestão Esportiva pela FIFA/CIES. Diretor do Fórum Latino-Palestino e colaborador do MEMO, escreve em inglês, árabe e português.



A mídia tem um papel central em todos os países e sociedades, não importa quão diferente seja esse papel e sua área, mas no final continua sendo uma das maiores influências, seja na tomada de decisões políticas ou na formação de opinião pública. Podemos olhar para a mídia de dois ângulos. O primeiro é um dos mais importantes, ao incidir diretamente sobre a democracia como um dos pilares dos direitos e liberdades fundamentais do Estado. O outro ângulo mostra seu papel como um dos principais motores de difusão da cultura e dos valores democráticos. Consequentemente, trata-se de uma combinação, como um fim e um meio ao mesmo tempo.

Ninguém nega o impacto da mídia, especialmente a visual e eletrônica, sobre o destinatário, independente de sua idade, nível de escolaridade e cultura, e ninguém pode negar que transmita uma mensagem social além de sua mensagem de entretenimento, já que participa da educação em seu conceito mais abrangente. Também é inegável seu papel de entretenimento para aliviar o sofrimento diário e as condições de vida do destinatário, em que busca interagir com sua “cultura psicológica”, de modo que os meios de comunicação não fiquem separados da sua realidade, ambiente e sociedade, e interajam com uso de criatividade e imaginação.

A revolução tecnológica e do conhecimento que o mundo está testemunhando hoje e o papel crescente que ela desempenha na criação de convicções e ideias contribuíram para aumentar a importância do papel da mídia, para incluir todos os aspectos da vida econômica, social, política e cultural. As fronteiras da mídia entre os países desapareceram e a influência da opinião pública internacional sobre a opinião pública interna aumentou. Entre os pontos positivos da nova mídia, ou o que é chamado de mídia digital, é que ela colocou à prova a mídia tradicional e impôs a ela revisão, avaliação e reflexão a partir de uma presença forte e diferenciada, na forma e no conteúdo.

Com a mídia social, aumentou o monitoramento e o olhar crítico para o que é publicado no noticiário. A mídia tradicional não só entrou nessa arena, mas sim colocou-se em competição e desafio com a mídia digital com sua diversidade, riqueza, atratividade para as pessoas, facilidade de intrusão e baixo custo. É verdade que essa situação e a competição entre esses dois tipos de mídia trabalharam a favor do público, do leitor, do telespectador e do ouvinte, mas abriu caminho para que forças externas interferissem nas lealdades e orientações de setores da sociedade. Isto incluiu a distorção de muitos fatos e valores, especialmente pelo enorme potencial de influência das fontes de financiamento do sistema de mídia estrangeiro. Especialmente a juventude árabe tem formado sua cultura midiática em uma época em que a maioria dos países árabes aceitam o papel de público receptor dos conteúdos da mídia externa. Até o momento não existe nenhuma agência de notícias árabe com a força das agências internacionais mais globalizadas que conhecemos e das quais extraímos informações como fontes confiáveis.

As mídias sociais, por outro lado, não se limitam a ser uma janela de comunicação entre os indivíduos, mas se tornaram a ferramenta mais importante para influenciar e formar a opinião pública e para a educação política dos jovens e suas ideias sobre como mobilizar a sociedade para mudar o mundo.

Estes fatos tornam essencial conhecer e analisar o contexto da mídia palestina, tradicional ou social, e o papel que poderia ter na unidade da resistência contra a ocupação.

História da mídia na Palestina

A história da mídia na Palestina pode ser rastreada até a era otomana (1876-1914), quando os governantes publicaram o jornal Al-Quds em 1876. No entanto, o primeiro pertencente aos próprios palestinos foi o jornal Palestina, fundado em 1911 pelos primos Issa e Daoud Al-Issa. O jornal foi uma expressão inicial proeminente da identidade nacional palestina, que as autoridades do Mandato Britânico fecharam, com o que facilitaram o estabelecimento de jornais privados. Elas também impuseram a Lei de Publicações de 1933 que permitiu o fechamento de veículos de imprensa que pudessem colocar em risco a ordem pública, e em 1945, permitiu um legislação adicional de supervisão direta.

Em 1936, o primeiro serviço de rádio foi introduzido na Palestina, transmitindo em árabe a partir de Jerusalém, promovendo amplamente a agenda do Mandato Britânico. Dois jornais em árabe foram publicados para atender às necessidades da população palestina nas 48 áreas: o jornal Al-Ittihad foi fundado em 1944 e o jornal Al-Yawm em 1948.

Na década de 1950, havia quatro jornais palestinos operando na Cisjordânia, na época sob administração jordaniana: Palestina, Al-Manar, Al-Dafah e Al-Jihad (os dois últimos jornais se fundiram em 1951 para formar o jornal Al-Quds). Esses jornais estavam sujeitos às restritivas leis de imprensa da Jordânia, que proibiam o conteúdo considerado uma ameaça à unidade ou segurança do Estado. Enquanto isso, na Faixa de Gaza, vários jornais foram criados sob a administração egípcia, incluindo o jornal Al-Tahrir, em 1958.

Após a Guerra dos Seis Dias em 1967, os jornais palestinos foram fechados na Cisjordânia e em Gaza, embora os jornais Al-Ittihad e Al-Yawm continuassem a ser publicados. Em 1968, o palestino Mahmoud Abu al-Zalf conseguiu obter uma licença israelense para republicar o jornal Al-Quds em Jerusalém Oriental. Isso pavimentou o caminho para uma

série de jornais diários e semanais palestinos publicados em Jerusalém nas duas décadas seguintes.

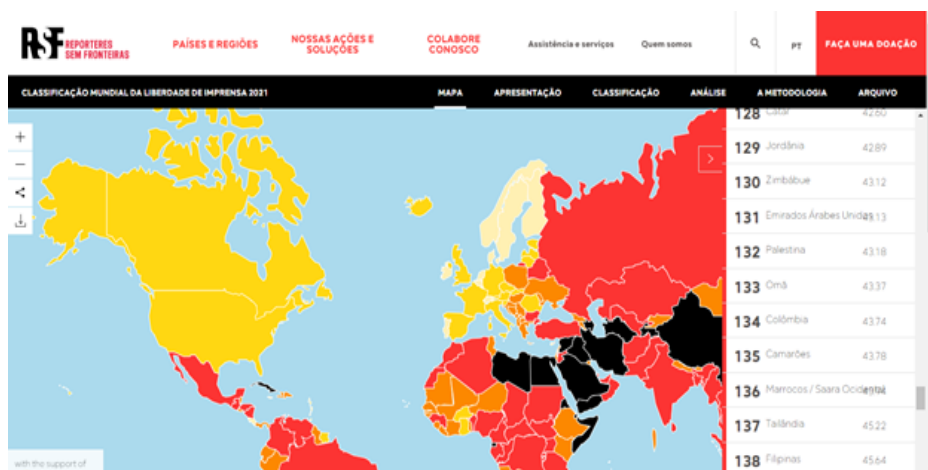
Seguindo os Acordos de Oslo, novos números de jornais começaram a ser publicados em toda a Palestina, de acordo com a Lei de Imprensa de 1995. A Palestinian Radio and Television Corporation foi estabelecida em 1994, e as transmissões de rádio de Jericó começaram no mesmo ano. A transmissão televisiva começou em 1996 e, no início dos anos 2000, a Palestinian Radio and Television Corporation operava dois canais terrestres e uma estação de satélite. O ambiente da mídia continuou a crescer no século XXI. Em 2010, havia 31 canais de televisão privados e 70 estações de rádio na Cisjordânia e Gaza.

A Internet foi introduzida pela primeira vez na Palestina em 1996, mas com o equipamento de infraestrutura passando obrigatoriamente por Israel, que foi acusado de limitar deliberadamente a largura de banda de radiofrequência e as velocidades de conexão. No entanto, a penetração da internet é relativamente alta, e os meios de comunicação digitais agora constituem uma parte importante do cenário da mídia palestina.

Recentemente, as mídias sociais em geral, e o Facebook em particular, estabeleceram um novo estágio em contraste com tudo o que havia anteriormente, pois foi capaz de vincular o texto a muitos contextos midiáticos (de imagem, áudio, vídeo e criações gráficas) e até mesmo medir o impacto imediato do que é publicado ao colocar meios para curtidas, comentários e outros meios de interação com o conteúdo fornecido gratuitamente. A rede também permitiu ao público participar do produção de seu discurso midiático, e estabeleceu uma linguagem especial dinâmica e batalhas por atenção, durante as quais internautas em muitos países árabes tornaram-se parte da mobilização através do espaço digital. É por isso que muitos observadores analisaram os eventos da chamada Primavera Árabe como um resultado natural do difícil controle do governo sobre as fontes do discurso da mídia.

liberdade de expressão

A Lei Básica Palestina garante a liberdade de expressão e de imprensa, e proíbe a censura. No entanto, essa lei é frequentemente usurpada por outra legislação, como a Lei de Imprensa e Publicações de 1995, que afirma que o conteúdo publicado não deve prejudicar a unidade nacional ou entrar em conflito com a moral nacional. Além disso, o ambiente da mídia palestina não é favorável à liberdade de expressão e é dominado pela cobertura de eventos partidários e influência indevida da Autoridade de Palestina e do Hamas, além da interferência externa de Israel, o que leva a Palestina a ocupar a 132ª posição no ranking 2021 do Repórteres Sem Fronteiras que mede o índice de liberdade de imprensa



Mapa da classificação mundial de liberdade de imprensa [Repórteres sem Fronteiras]

A realidade da mídia na Palestina

Governos e regimes, por meio da posse e controle dos meios de comunicação oficiais, buscam apresentar um discurso que atenda às suas diferentes orientações, um discurso muitas vezes unilateral, cuja única preocupação é satisfazer a instituição oficial sem dar atenção às opiniões e visões do público. Ou busca persuadir suas mentes, o que faz com que a

mídia oficial/governamental perca muito de sua credibilidade e crie um abismo entre ela e o público a que se dirige. Lentidão, burocracia, rejeição a críticas e aos princípios e padrões do trabalho jornalístico profissional tornaram-se características inseparáveis das instituições oficiais de mídia nos países árabes, incluindo a Palestina.

A Autoridade Palestina não difere dos regimes dominantes nos países árabes. Todo regime ditatorial precisa de uma máquina de mídia para legislar suas ações e justificar sua permanência no poder por dezenas de anos. Um declínio acentuado foi sentido no nível de liberdade de imprensa e de pluralismo da mídia, e com o passar do tempo, aumentou o movimento para colocar as mãos na mídia local palestina e restringir o trabalho de jornalistas e ativistas da comunicação. A AP promulgou a Lei do Cibercrime, que criminaliza, aprisiona e multa todos aqueles que a criticam e expõem sua corrupção, chegando ao ponto de ser acusada, em um precedente perigoso, do assassinato brutal e sádico do ativista “Nizar Banat” e do ataque subsequente a manifestantes que cobravam nas ruas a responsabilização dos criminosos e exigiam a realização de eleições gerais para renovar a legitimidade na arena palestina.



Protestos pelo assassinato de Nizar Banat

Tanto na Cisjordânia quanto na Faixa de Gaza, as autoridades governamentais mantêm um controle rígido sobre o conteúdo produzido. A Autoridade Palestina é responsável por gerenciar licenças de televisão e rádio na Cisjordânia, e tem uma longa história de fechamento de estações consideradas “críticas à liderança palestina”. A difamação também continua sendo um crime, e figuras da mídia são rotineiramente processadas sob tal alegação. Enquanto o Hamas introduziu um sistema de registro em Gaza que exige que todos os jornalistas e locutores obtenham autorização antes de começar a trabalhar, o exército israelense também pode regular a produção da mídia palestina promulgando medidas para combater o “incitamento” pela imprensa. A AFP avalia que o exército israelense tenha fechado seis estações de rádio e televisão palestinas entre outubro de 2015 e outubro de 2016.

As violações israelenses incluem a “detenção administrativa” de 26 jornalistas palestinos, já que muitos deles estão detidos sem acusações formais. O exército israelense proibiu a cobertura da mídia dos protestos próximos ao muro de separação israelense na Cisjordânia, anexando a área como uma “zona militar”. A AP também obstruiu ativamente a cobertura dos protestos. Em março de 2017, as forças de segurança atacaram jornalistas que cobriam uma manifestação anti-Israel em Ramallah. Em Gaza, a Human Rights Watch relatou que o Hamas deteve ilegalmente um ativista em 2016 depois que ele criticou o governo local, bem como jornalistas que relataram situações de pobreza e falhas médicas na área.

Jornalistas, ativistas e blogueiros que trabalham online estão sujeitos a constante vigilância e intimidação. Israel tem uma unidade dedicada ao monitoramento de sites de mídia social palestinos. Somente em março de 2016, as forças israelenses prenderam 148 palestinos sob a acusação de “incitação à violência no Facebook”. Mais tarde naquele ano, a Autoridade Palestina prendeu vários palestinos depois que eles descreveram as autoridades governantes como “corruptas” em um post no Facebook.

O Centro Palestino para o Desenvolvimento e a Liberdade da Mídia, com sede em Ramallah, apresenta um relatório anual sobre o número de “violações à liberdade de imprensa” cometidas na Palestina. No primeiro semestre de 2016, a organização monitorou 198 violações de mídia, 67% das quais cometidas por Israel. Das violações restantes, 66% foram cometidas pela Autoridade Palestina e 34% pelo Hamas.



Jornalistas palestinos, como Majdoleen Hassona, que ganhou o Prêmio RSF de Liberdade de Imprensa de 2021, são proibidos de viajar por Israel. [Monitor do Oriente Médio/Facebook]

Televisão

A televisão é o meio de notícias mais popular na Palestina, mas a maioria dos telespectadores escolhe as transmissões em árabe, principalmente dos países do Golfo, em detrimento dos canais locais. Uma pesquisa realizada pela Near East Consulting Company para o ano de 2016 concluiu que os canais de televisão mais assistidos na Palestina são Al-Jazeera (38%), Palestina TV (7%), MBC (18%), Al-Arabiya (7,5%) e Canal de Abu Dhabi (5%).

Os canais locais são dominados por afiliações partidárias. Entre 2007 e 2014, a Autoridade Palestina fechou os escritórios de transmissão do Hamas na Cisjordânia, enquanto o Hamas proibiu todas as operações da Palestinian Radio and Television Corporation em Gaza. Aqui estão as estações de transmissão locais mais importantes:

- *TV Palestina* - o principal canal administrado pela Corporação de Rádio e Televisão Palestina em Ramallah. Começou a transmitir em 1996 e mistura conteúdo de notícias e entretenimento. Vale ressaltar que a sede da Rádio e Televisão da Autoridade Palestina foi destruída pelos ataques aéreos israelenses em 2002. Além disso, o canal continuou a transmitir sem interrupção. Em geral, os programas transmitidos pela Palestine TV são considerados positivos para a Autoridade Palestina, e apoiam a resistência.
- *TV Al-Aqsa* - um canal por satélite lançado em 2006 em Gaza como o canal oficial do Hamas. Como a TV Palestina, a TV Al-Aqsa transmite cobertura de notícias junto com entretenimento e programas religiosos, mas especificamente, do ponto de vista político do Hamas. As operações da estação e a movimentação de seus funcionários foram bastante prejudicadas pelo conflito na área. A sede do canal foi destruída por ataques

aéreos israelenses durante a guerra de Israel em Gaza em 2008, e seus escritórios foram alvos novamente em 2014. Em 2012, o cinegrafista da Al-Aqsa TV, Mahmoud Al-Koumi e o fotógrafo Hossam Salameh foram mortos em ataques aéreos. Em 2008, o Hamas estabeleceu seu segundo canal via satélite, a Al-Quds TV.



logotipo do canal TV Palestina e TV Al-Aqsa

Rádio

Existem dezenas de estações de rádio na Palestina, mas as mais populares são as da Autoridade Palestina e do Hamas. Também operam estações especiais com visualizações mais independentes, principalmente na Cisjordânia. Os mais importantes deles são os seguintes:

- Rádio Voz da Palestina - uma estação de rádio operando na cidade de Ramallah. Fundado em 1998, oferece uma mistura diversificada de programação, incluindo música, boletins informativos e histórias culturais. A estação foi temporariamente forçada a parar de transmitir em 2002, depois que os escritórios da Palestinian Broadcasting Corporation foram destruídos por um ataque aéreo.
- Voz de al-Aqsa - O Hamas lançou Sawt al-Aqsa em 2003 e começou a transmitir online no ano seguinte em um esforço para alcançar a diáspora palestina. A estação de rádio foi um ponto de partida para as informações do Hamas na região.
- Rádio Amwaj - Fundada na Cisjordânia em 1995, a Rádio Amwaj era a estação mais proeminente na região até que seu equipamento foi seriamente danificado devido aos ataques israelenses em 2002, o que levou a estação a retransmitir temporariamente o conteúdo da Voz da Palestina.
- Rádio Ajyal - Fundada em Ramallah em 2001, a Rádio Ajyal é uma emissora que mantém relações estreitas com a Autoridade Palestina. A estação transmite programas de notícias, além de música.
- Rádio Belém 2000 - uma estação de notícias e atualidades fundada em 2000. Ela transmite boletins em árabe e inglês.

A imprensa

Os jornais mais populares na Palestina são administrados ou intimamente associados à Autoridade Palestina ou ao Hamas. Entre 2007 e 2014, os jornais pró-Hamas Palestina e Al Risalah foram proibidos de circular na Cisjordânia, e os jornais Al Quds, Al Ayyam e Al Hayat Al Jadeeda foram proibidos de circular em Gaza. O acordo entre o Fatah e o Hamas acabou removendo as restrições. As publicações mais importantes:

- Al-Quds- O jornal Al-Quds foi fundado em 1951 em Jerusalém após a fusão de dois pequenos jornais. O jornal familiar é considerado a publicação palestina ativa mais antiga. Pela localização de sua sede, o jornal está sujeito à legislação de censura israelense. É considerado o jornal palestino mais lido e o menos afetado pelo ambiente da mídia partidária palestina.
- Al-Ayyam - Foi lançado em 1995 como o primeiro jornal palestino privado após a assinatura dos Acordos de Oslo. No entanto, apesar de suas reivindicações de independência, a Autoridade Palestina possui participações nele, e seu editor-chefe, Akram Haniyeh, foi um conselheiro de longa data de Yasser Arafat.
- Al-Hayat Al-Jadida - foi estabelecido pela Autoridade Palestina em 1995 como um jornal oficial.
- Falasteen- Fundada em 2007 em Gaza. O jornal se descreve como “independente”, mas tem fortes laços com o Hamas.
- Al-Risala - Fundado em 1996 como um jornal diário, é publicado duas vezes por semana em Gaza desde 2006. O jornal é considerado o porta-voz do Hamas e muitas vezes traz declarações oficiais de altos funcionários.

Redes sociais

A mídia tradicional não está mais no controle da informação para a opinião pública, como estava há várias décadas, e aqui está o seu verdadeiro problema. É como se a mídia social tivesse se tornado um vigilante da mídia de uma forma que afeta completamente o conteúdo midiático em qualquer país.

A mídia social está se tornando cada vez mais importante como uma plataforma para os palestinos acessarem as notícias e contribuírem com suas gravações e histórias, além de fazerem a crítica da mídia oficial. O Facebook, o Instagram, o Twitter e o YouTube têm sido amplamente usados pelos palestinos desde o bloqueio de Gaza em 2006, por meio do envio de vídeos dos ataques israelenses. O caso de Farah Bakr, de 16 anos, que tuitou sobre os ataques israelenses em Gaza em 2014 para mais de 200.000 seguidores, é um dos exemplos mais marcantes.

Com a aceleração dos acontecimentos, palestinos e apoiadores de sua causa encontraram nas redes sociais a única forma de revelar e documentar os crimes da entidade sionista diante do mundo, mas muitos deles perceberam que o conteúdo desaparece repentinamente, ou está sujeito a restrições sob o pretexto de violação das regras de utilização dessas plataformas, sem que isto tenha ocorrido ou seja demonstrado.

Em alguns casos, as contas de muitos usuários e jornalistas foram até suspensas, mas os que estão envolvidos na cobertura dessas questões por anos sabem que os bloqueios não acontecem por acaso, e que as redes sociais pretendem cercear o conteúdo palestino. A conta do Twitter da Fundação “Access Now” publicou uma série de tweets sobre a censura de conteúdo palestino no Facebook, Twitter, Instagram e Tik Tok. O grupo disse ter recebido “centenas de relatórios sobre casos dessas plataformas restringindo hashtags referentes aos protestos palestinos, bloqueando transmissões ao vivo, apagando posts e suspendendo contas”.



A mídia social tem sido usada também pelas autoridades palestinas para abrir espaço para as suas campanhas. Nessa linha, o Hamas lançou uma série de vídeos profissionais no YouTube antes das eleições municipais de 2016, junto com a campanha de hashtag “Obrigado Hamas” no Twitter. Ativistas pró-Fatah responderam roubando a campanha, ironicamente colocando a frase “Obrigado, Hamas” ao lado de fotos e imagens dos ataques aéreos israelenses.

Publicações Online

Os sites da Cisjordânia não são censurados oficialmente, mas podem ser fechadas pelas autoridades de segurança se houver suspeita de que suas publicações estejam violando as leis palestinas. O exemplo mais notável disso veio em abril de 2012, quando a Autoridade Palestina fechou oito sites de notícias depois que estes publicaram histórias críticas a Mahmoud Abbas. Os fechamentos geraram indignação e protestos e levaram à renúncia do Ministro das Comunicações da AP. Todos os oito sites voltaram a operar em maio de 2012.

Em Gaza, o ministro das comunicações do Hamas afirmou que publicações online ou blogs são permitidos, mas “não devem infringir a lei”, e que o ambiente online é, em geral, mais restritivo do que na Cisjordânia.

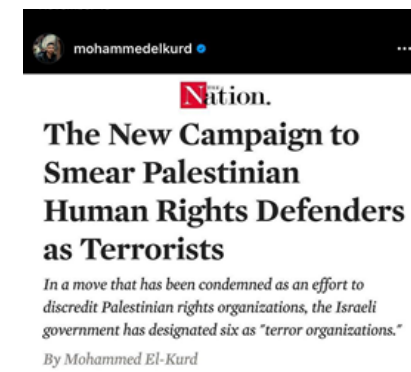
O futuro da mídia na Palestina

Hoje, o ambiente midiático é indicador do desenvolvimento dos países. Quanto mais avançadas forem as mídias, com capacidade e liberdade de transmitir a verdadeira imagem de sua sociedade, de empregar o conceito de “mídia abrangente” de transcender um momento, oferecendo contexto e análises das notícias em todas as suas dimensões, maior será seu impacto e influência sobre o futuro.

Diante da amarga realidade palestina, interna e externa, seu povo tem necessidade de beneficiar-se das duras experiências que a sociedade viveu no auge de sua luta interna e da subsequente divisão e tentativas de enraizá-la. Os palestinos viveram os perigos crescentes de ter de confiar em uma solução política para suas lutas e negligenciar o resto das saídas disponíveis. A principal entre as soluções possíveis para a crise interna deve ter uma perspectiva social e de restauração das relações, com base no diálogo fraterno e rejeição da violência para enfrentar os conflitos. É preciso insistir na adesão ao estado de direito e defender a independência do poder judiciário e ativá-lo como plataforma perante a qual todos os cidadãos sejam iguais perante a lei.

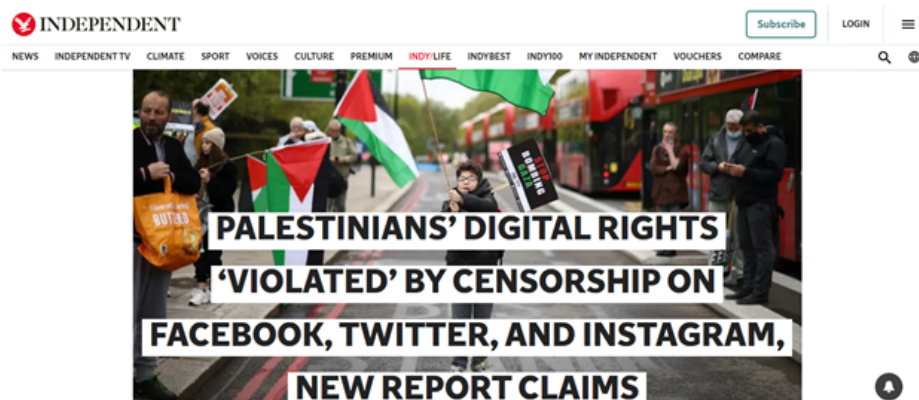
A mídia na palestina tem uma grande responsabilidade de alcançar essa visão e de não deixar-se arrastar para conflitos partidários, mas de integrar o diálogo e comunicar sua política editorial ao seu público, como uma prioridade urgente, além do compromisso com a objetividade e profissionalismo na cobertura dos assuntos internos. Deve evitar a lógica da mobilização partidária em favor de uma parte em detrimento da outra, além da importância de rejeitar a violência e não naturalizá-la como fato incontornável. Deve lembrar que somos capazes, como sociedade e como instituições oficiais, civis e de mídia, de apresentar novos modelos para as gerações futuras que aspiram a um futuro seguro e estável, livre de intolerâncias e que lhes permita expressar seus sonhos e aspirações em todos os aspectos políticos, sociais e econômicos.

Também é importante explorar a mídia social para inventar novas formas de interação com a causa palestina. Talvez a maneira como o povo do bairro de Sheikh Jarrah na Jerusalém ocupada promoveu sua luta indique a importância e eficácia do papel da mídia social na interação global com a causa palestina. Sheikh Jarrah se transformou de um mero bairro de Jerusalém em uma causa de ressonância mundial, e este é um sucesso retumbante para os gêmeos influenciadores, Muna e Muhammad Al-Kurd, um sucesso no qual a Autoridade Palestina e antes disso a Organização para a Libertação da Palestina fracassaram ao longo de décadas.



Postagens nas redes e notícias nos portais contestam o discurso israelense e mostram a visão palestina [Diversos/Internet]

O sucesso dessa resistência é evidenciado pela intensa e crescente preocupação “israelense” com os fatos noticiados. Depois de se acostumar a ver a ocupação monopolizando a narrativa para o mundo por meio de seu controle da mídia global, os ativistas palestinos foram capazes de usar a internet e impor seu discurso paralelo, e isso explica o estado de pânico e obsessão que afligiu a ocupação diante da Intifada de Jerusalém. O então primeiro-ministro Benjamin Netanyahu atacou sites de mídia social, acusando-os de contribuir para a escalada desta intifada. Chamou de criminosos os que pretenderam realizar operações contra a violência de seus soldados, e as redes sociais reagiram a altura.



Violações dos direitos digitais dos palestinos viram notícia nos portais de internet [Notícia do Independent]

No final das contas, o futuro da mídia palestina depende principalmente do desenvolvimento das questões da democracia, da expansão das liberdades em lugar das proibições e controle externo, e da abertura de portas e janelas ao ar livre trazido pelas brisas de novos tempos, abrindo caminho para novas gerações, tornando as informações corretas acessíveis para cada habitante, fazendo da liberdade de opinião um dos princípios essenciais na futura vida palestina.

Referências

- 1- Repórteres sem fronteiras (<https://rsf.org/pt>)
- 2- Trends (<https://trendsresearch.org/>)
- 3- Mada Center (<https://www.madacenter.org/en>)

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordooriente)